

Cuba: reinserção internacional, reformas econômicas e desafios da equidade social **- entrevista com Luis Fernando Ayerbe**

Por Lys Ribeiro

*O governo de Cuba anunciou recentemente mais uma etapa de aplicação das reformas econômicas do país, ao permitir a venda de excedentes de produção das suas empresas estatais. De acordo com o Jornal Granma, “essa experiência constitui um avanço do que será aplicado gradualmente no sistema empresarial estatal do país a partir de janeiro de 2014”. Ademais, existem outras ações em curso, como a construção de infraestruturas na Zona de Desenvolvimento Especial, localizada no Porto Mariel e que conta com a participação do governo brasileiro, um dos principais investidores para a ampliação do porto. As reformas econômicas no país caribenho foram noticiadas pelo Partido Comunista de Cuba em 2008, e são destinadas a “atualizar o socialismo”, segundo o governo cubano. Porque há, ainda, muita controvérsia sobre a efetividade e propostas contidas nesta reforma e sobre a natureza das relações de Cuba com o mundo, o **Blog Brasil no Mundo** convidou o historiador **Luis Fernando Ayerbe** para um bate-papo.*

*Autor do livro *A Revolução Cubana*, pela Editora Unesp, Mestre em Sociologia pela Unicamp, Doutor em História pela USP, Livre-Docente e Professor Titular em História pela Unesp, Ayerbe é Coordenador do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI), Membro da Red de Integración de América Latina y el Caribe (REDIALC) e atua em temas de América Latina contemporânea, recebendo em 2001 o Prêmio Casa de las Américas, pelo livro *Estados Unidos - América Latina: a construção da hegemonia*.*

Ayerbe traça um histórico político-econômico de Cuba, pontuando a situação complicada pós-final da Guerra Fria, discorre sobre os antecedentes do chamado ‘Período Especial’ e sobre as conquistas sociais logradas mesmo em um contexto de dificuldades econômicas. O historiador fala também sobre as reformas econômicas, ressaltando que “(...) o teor da reforma [é] aumentar a produtividade.” Especificamente a respeito das relações internacionais do país, Ayerbe trata do bloqueio estadunidense, do ambiente favorável após as eleições de Chávez e vários outros governos progressistas na América do Sul e, igualmente, das relações com o

Brasil. “Muitos questionam se o Brasil pratica um novo imperialismo, mas não concordo com isso”.

Confira na íntegra.

Blog Brasil no Mundo - Em Cuba, é digna de atenção a discrepância entre as grandes conquistas sociais, comparáveis aos países desenvolvidos, combinadas a pouca diversificação econômica. Como isso foi possível e de que maneira o governo cubano está agindo ou pode agir para alcançar uma diversificação produtiva maior?

Ayerbe - De fato, Cuba dependia fundamentalmente da venda de açúcar aos Estados Unidos. Após a Revolução, houve uma ruptura com os Estados Unidos, e a União Soviética se constituiu como principal alternativa importadora do produto. Entre a tomada de poder até o alinhamento com a URSS, já havia a preocupação em diversificar a economia, ou seja, não depender do açúcar, e um dos defensores desta linha era o Che Guevara, que chegou a ocupar a posição mais importante dentro do governo na área econômica. Desta maneira, foram feitos investimentos em indústria pesada e tentou-se iniciar o processo de substituição de importações. Contudo, houve problemas de planejamento e execução ao investir nessa mudança drástica de perfil econômico do país, Cuba descuidou da produção de açúcar, sem lograr resultados industriais significativos, dada a longa maturação desse tipo de empreendimento, e entrou em crise de financiamento porque o açúcar era a principal fonte de divisas para o país.

Foi feita uma correção de rumos e passou-se a investir no açúcar comprado pela URSS e também pelos países do Conselho para Assistência Econômica Mútua (CAME), dentro de um contexto de alinhamento crescente. A industrialização de Cuba passou a direcionar-se prioritariamente ao setor açucareiro, contando com a estabilidade que o mundo socialista lhe oferecia garantindo preços de compra que não dependiam da flutuação de mercado do produto. Nesse cenário e com o acesso à importação de bens industrializados provenientes dos países do CAME, Cuba obteve uma situação econômica favorável e pode implementar políticas sociais e científicas importantes. Até o fim da Guerra Fria, era o país da América Latina que mais tinha Ph.Ds. por número de habitantes e conseguiu montar uma estrutura educacional muito importante, erradicar o analfabetismo e avançar cientificamente na área da saúde, ou seja, colocar em prática uma série de políticas de alcance permanente.

Obviamente não se imaginava naquela época que a Guerra Fria teria como desfecho o desaparecimento abrupto da URSS, e Cuba ficou numa situação difícil porque perdeu seu grande mercado. Havia outro elemento: os produtos industrializados que o país importava dos países socialistas não eram muito competitivos, porém era essa sua principal fonte de acesso. Assim, essa inserção econômica desaparece de um dia para outro e o país fica numa situação desesperadora, dando início ao chamado *'Período Especial'*, em que o objetivo fundamental passa a ser a sobrevivência da Revolução. A ideia dos EUA era que, após a queda da URSS e do bloco soviético, Cuba também entraria nesse castelo de cartas. Mas conseguiu resistir, embora o custo tenha sido alto: o preço do açúcar se deteriorou e uma das principais fontes de divisas passou a ser o turismo, porque Cuba fez reformas e convênios com países como o Canadá e a Espanha que permitiram aumentar esta atividade, ainda que de fato a primeira fonte de entrada de divisas tenha passado a ser a remessa de dólares de cubanos que vivem no exterior.

A tendência agora é recuperar a indústria do açúcar, pensando inclusive no etanol e a diversificação econômica configura um dos grandes desafios que o país enfrenta atualmente. A partir do 6º Congresso do Partido Comunista em 2011, passa a se discutir a atualização do modelo econômico. Cuba exporta níquel, tabaco, rum, há a indústria do turismo, exporta também remédios e serviços, especialmente na área médica o que, agora com os convênios junto à Alba e o Brasil, tornou-se também uma fonte de divisas. Mas isso não é suficiente, a ideia é diversificar a economia porque Cuba, apesar de ter melhorado sua situação pós-final da Guerra Fria, ainda enfrenta grandes dificuldades. Embora possua alta formação de quadros técnicos, educacionais e científicos, a sustentabilidade das conquistas é complicada, piorando quando se adiciona o ainda vigente bloqueio comercial dos EUA.

Em suma, esta é a encruzilhada em que Cuba está atualmente. São compreensíveis, desta maneira, as reformas econômicas, a abertura para o exterior, a tentativa de atrair capital estrangeiro, o abandono da dupla moeda, os acordos com Brasil relativos à reforma do Porto de Mariel com participação da Odebrecht para se tornar uma zona livre, e assim por diante. Não obstante, o país deve intensificar mais esta diversificação econômica, pois se encontra ainda muito dependente no cenário internacional, com uma importante dívida externa.

Blog Brasil no Mundo - Sobre a reforma econômica anunciada por Raúl Castro a partir de 2008, alguns teóricos e jornalistas alegam que a tendência é haver um aumento das desigualdades sociais dentro do país. Você crê que este será o caminho? Qual é o balanço que você faz desta reforma?

Ayerbe – Essa pergunta é bem complexa porque envolve valorações sobre os rumos do sistema cubano, nessa perspectiva, deixo claro que as observações que farei se situam num campo oposto ao da direita, cujo questionamento da revolução, desde sempre, é existencial. Dito isso, considero que a reforma posta em marcha, mesmo entendendo, como já foi apontado, as urgências que a condicionam, incorpora lógicas daquelas feitas na América Latina nas décadas de 1980-90: liberalização, reforma do Estado, programa de saída massivo do emprego público, estímulo ao empreendedorismo, aumento do setor privado, ou seja, do mercado. Estas ações seriam vistas durante os anos 1980 como uma forma de neoliberalismo, mas estão sendo feitas pelo Partido Comunista, seguindo a ideia de aumentar a produtividade através da criação de mecanismos de formação de empresas privadas, induzindo pela saída do emprego público a formação de um mercado de trabalho, gerando paralelamente uma maior arrecadação impositiva, o que é significativo, pois a cobrança de impostos em Cuba é bastante irrisória – embora os salários medidos em dólares sejam muito baixos, não são seriamente comprometidos com o pagamento de serviços públicos como eletricidade, água, educação, saúde, etc.

Com a reforma, inicia-se um processo em que o Estado se preocupa em arrecadar impostos, diminuir sua folha de pagamentos transferindo mão-de-obra para o setor privado e isso, claro, estimula o aumento da produtividade e uma maior arrecadação de recursos. A discussão que havia com Che Guevara no começo da revolução era que o socialismo criaria um homem novo, que trabalha pelo estímulo de servir à comunidade e à revolução, numa ética oposta ao espírito do capitalismo de Max Weber. Não é essa a linha orientadora das reformas, cuja base é a geração de riqueza por meio do incentivo a um espírito empreendedor cuja lógica principal é o enriquecimento individual. E, certamente, a história mostra que em qualquer país do mundo esse tipo de processo gera desigualdade: cria um mecanismo de mercado dentro da sociedade, que também passa a incorporar dinâmicas centradas na concorrência. Certamente o Estado buscará proteger

setores mais vulneráveis, mas de fato não há maneira de tal processo não produzir desigualdade econômica e social, não tenho dúvidas quanto a isso.

Blog Brasil no Mundo – Poderia se deter um pouco mais nesse último aspecto e analisar como a população está vendo esse processo?

Ayerbe – De fato, o que se observa é um crescente aumento em termos de quantidade de negócios, oferta de serviços, melhoria de infraestrutura, o país está mais rico, há mais carros novos nas ruas. No entanto, é uma dinâmica que vai diferenciando, como aconteceu no mundo capitalista, o empreendedor cujo sucesso econômico incorpora como parte dos lucros o excedente extraído dos salários pagos aos seus empregados. Ainda que crie fontes de trabalho e riqueza, dinamize o consumo e a oferta de produtos, este é um processo que leva a diferenciação social.

O modelo é a China, porque mostrou um caminho possível de transição rumo a uma economia de mercado, mas em que o Estado tenha um peso fundamental, ou seja, figure como o principal ator. A China, a diferença da ex-URSS, é vista como exemplo de reformas de mercado com a manutenção do mesmo sistema político. Assim, este é o modelo seguido por Cuba, que estimula a criação de um mercado de cima para baixo, de um setor privado que demandará paulatinamente crescentes níveis de acesso a poder econômico e político, e ao consumo de bens típicos das classes medias e abastadas de outros países sul-americanos. Lembremos que o Partido Comunista da China passou a incorporar empresários nos seus quadros, institucionalizou a sucessão com períodos presidenciais definidos e foi preparando uma nova geração para o exercício do poder.

Acredito que a maior parte da sociedade cubana enxerga estas mudanças com bons olhos. Mesmo aceitando a necessidade de Cuba realizar reformas num quadro de poucas opções e frente ao risco de uma crise sistêmica, não há como obviar o fato de que irá se gerar uma dinâmica de desigualdade, porque nem todas as pessoas conseguirão se inserir neste modelo.

Blog Brasil no Mundo - Ainda que todos achem que vão...

Ayerbe - Claro, mas como é um Estado originário de uma revolução detentora de uma visão de igualdade, penso que, diferentemente dos outros países em que houve reformas

liberalizantes, haverá uma preocupação muito maior em criar políticas públicas mais assertivas para tratar daqueles que serão relativamente excluídos deste processo. A questão é que o Estado era o grande empregador e, agora, há pessoas que deslançarão com seus negócios, há, ainda, aqueles que recebem remessas do exterior de suas famílias bem sucedidas nos Estados Unidos ou outros países, o que também gera um descompasso com relação àqueles que não tem essa possibilidade de acesso a financiamento. Então, existem todas estas dinâmicas que levarão a um aumento de desigualdade, mas se o Estado for capaz de inovar com relação ao resto do mundo e implementar políticas bem claras para tratar daqueles que não se darão bem neste processo, irá amenizar estas consequências. Na América do Sul, há o combate a uma pobreza que já vem desde muito tempo, em Cuba é diferente, porque o país terá que tratar de novos pobres, não configura uma pobreza endêmica, ou seja, existe uma situação de maior igualdade e, de repente, este processo irá gerar um novo tipo de desigualdade, que certamente exigirá do Estado inovação para que Cuba não vire um país oposto ao que a Revolução colocou como meta.

Blog Brasil no Mundo - Fazendo um link entre as reformas econômicas em Cuba e a tendência à multipolaridade no cenário internacional, com o declínio relativo da hegemonia dos Estados Unidos, você acredita que finalmente será levantado o bloqueio? Está próximo? E se sim, quais são as perspectivas após esse levante?

Ayerbe - Se há um momento certo para um avanço nesse sentido é neste segundo governo Obama. No primeiro mandato era impensável, porque Obama tinha uma série de prioridades e o custo político de realizar um progresso no caso cubano seria, na lógica da reeleição, complicado. Mesmo com o Tea Party e a radicalização à direita do Partido Republicano houve melhorias: Obama reverteu algumas das restrições de Bush em termos de remessas e viagens de cubanos e americanos para Cuba.

Levando em conta a última eleição nos Estados Unidos, em que o voto hispânico foi muito forte para Obama, inclusive, porque é o Partido Democrata que está apoiando uma reforma migratória e propondo políticas nesse sentido, o Partido Republicano está dando um tiro no pé, perdendo o apoio da população hispânica, sendo que há congressistas republicanos importantes de origem latina, inclusive cubana. Neste governo Obama, já estão havendo negociações objetivando a paulatina normalização

das relações bilaterais, que tem agora um momento propício para ocorrer. Senão neste governo, talvez haja um processo de continuidade com a eleição de um democrata, contudo, se eleito um republicano, dificilmente haverá uma grande mudança nesse sentido.

O bloqueio é um problema para Cuba, embora felizmente tenha conseguido diversificar suas relações. Quando a URSS caiu, a situação se tornou complicada e ainda hoje o país tem muitas dependências, mas por outro lado, também estabeleceu relações muito boas com Argentina, Brasil, Venezuela, Canadá, China, Espanha, atualmente preside a Comunidade dos Estados Latino-americanos e Caribenhos – CELAC.... Assim, Cuba não é mais um país isolado, claro que o bloqueio continua problemático em termos de acesso à mercados, especialmente pela proibição da importação de certos produtos que contenham componentes fabricados nos Estados Unidos, mas Cuba conseguiu de alguma forma reverter esta situação através de outras parcerias. Na contramão, os Estados Unidos é que podem ficar isolados nesse processo, um exemplo são as votações na Organização das Nações Unidas – ONU, nas quais sempre perdem na questão do bloqueio.

Agora, quando será alcançada uma normalização das relações, é difícil. Não sei se está na agenda de Obama como algo importante, embora ele esteja retomando negociações com os tradicionais inimigos como o Irã, apresentando uma postura mais pragmática. Acredito, contudo, que essa atual dinâmica política americana represente um bom momento para as relações com Cuba.

Blog Brasil no Mundo - Você acredita que a ascensão de Chávez na Venezuela, a criação da Alba, e a eleição de vários governos progressistas na América do Sul constituíram fatores-chave para a diversificação das relações de Cuba?

Ayerbe - Foram sim importantes, com a democratização a partir dos anos 1980 foram normalizando-se as relações com a Ilha, mas a chegada de governos progressistas passou a gerar uma pressão política maior, além dos avanços econômicos em termos de acordos. Principalmente o Brasil progrediu bastante, e a Venezuela foi o país que estabeleceu relações mais próximas, especialmente com a criação da ALBA, da qual Cuba é co-fundadora. O intercâmbio que a ALBA estabelece, no qual cada país

comercializa aquilo com que melhor pode contribuir, exemplificado no caso de Cuba com os recursos humanos e da Venezuela com o petróleo, representou um forte alívio para o crônico limite de acesso a divisas, fora o incentivo à reinserção cubana na região.

O novo cenário político sul-americano que se configura a partir da primeira década deste século alterou significativamente a correlação de forças. Lembremos que quando Clinton reuniu a primeira Cúpula das Américas em Miami, em 1994, convidou todos os países com exceção de Cuba, com o argumento de que não constituía uma democracia, sem que houvesse na época pressões em relação a tal exigência. Apenas na Cúpula de Quebec de 2001, que contou com a participação de Chávez, o presidente venezuelano expôs a sua não concordância. Na Cúpula de Mar del Plata, em 2005, houve uma quebra de trajetória, pois os governos da nova esquerda latino-americana colocaram Bush contra a parede na questão da ALCA, mas o tema Cuba foi colocado de forma taxativa apenas na primeira Cúpula com Obama, em Trinidad e Tobago. Na última de Cartagena, os presidentes, inclusive os mais conservadores, a exemplo de Santos da Colômbia, disseram não aceitar mais uma cúpula sem que Cuba estivesse presente. Dessa maneira, criou-se uma situação em que independentemente da linha dos governos latino-americanos, não se admite mais a exclusão unilateral de um país.

Nesse sentido, os Estados Unidos ficaram politicamente isolados. Cuba, diferentemente, ficou em situação favorável, o que está simbolizado no que disse anteriormente sobre a presidência pro tempore da CELAC, comunidade criada sem a presença dos Estados Unidos e Canadá. Em suma, o ambiente internacional para Cuba tornou-se propício para realizar reformas econômicas como passo importante para a saída das dificuldades pelas quais o país passa.

Blog Brasil no Mundo - Não apenas a presidência pro tempore da CELAC, mas Cuba está mediando os acordos entre as FARC e o governo colombiano...

Ayerbe - Isso é importante, ou seja, pensando que a Colômbia é governada por conservadores atualmente, a aceitação da mediação por Cuba é um ganho em credibilidade. Especialmente levando em consideração que o primeiro país colocado na lista do governo estadunidense de patrocinadores do terrorismo foi exatamente Cuba, bem antes do 11 de setembro de 2001, e um dos argumentos para esta qualificação era

que Cuba abrigava as FARC em seu território. Hoje em dia o país ganhou credibilidade, é lá que acontece a mediação entre o governo Santos e as FARC, ou seja, Cuba conseguiu dar uma volta por cima e acredito que o que falta para haver um salto é sair desta dificuldade econômica, da falta de diversificação produtiva, das limitações de acesso a divisas, que mantêm uma situação muito dependente com relação a ajuda de países aliados. Esse é o grande desafio que Cuba possui pela frente.

Blog Brasil no Mundo - Cuba também cumpriu presidências durante a Guerra Fria no Movimento dos Países Não-Alinhados...

Ayerbe - Sim, Cuba foi eleita presidente do Movimento dos Países Não-Alinhados em 1979...

Blog Brasil no Mundo - O que dá a impressão de que, apesar de não ser uma potência econômica, sempre exerceu influência política...

Ayerbe - Isso é importante, porque Cuba poderia ser um país como seus vizinhos da América Central e Caribe em termos de perfil de atuação internacional, mas não é assim, adquiriu uma notoriedade devido à Revolução e à sua atuação em resolução de conflitos, especialmente na África. Desta maneira, alcançou uma projeção muito acima do seu potencial econômico, atraindo sobre si forte atenção, com olhares muito exigentes com relação ao que acontece na Ilha, sem atentar para o fato de que se trata de um país pequeno, em desenvolvimento e com os problemas correlatos dessa condição. Como parte dessa projeção que teve durante a Guerra Fria, e mesmo depois, passa a se cobrar uma excepcionalidade, um desempenho exemplar, tanto por parte dos conservadores ao identificar “imperfeições” do socialismo cubano quanto de setores de esquerda e suas divisões a favor ou contra o modelo adotado. Então, tornou-se um país muito pressionado a mostrar resultados como se fosse o expoente supremo de um ideal, não deveria ser assim.

Blog Brasil no Mundo - Fato disso é a grande importância que adquiriu a Yoani Sánchez, o discurso dela é amplamente divulgado e às vezes até um pouco distorcido...

Ayerbe – Exatamente, quando surge algum tipo de dissidência política, as atenções da mídia internacional se exacerbam muito mais do que quando acontecem situações similares em outros países.

Blog Brasil no Mundo - Parece que a atuação da Política Externa Brasileira para Cuba se dá como na África, em que existem duas frentes, uma pelo transbordamento das empresas transnacionais brasileiras e, a outra, nas trocas mais ao modelo ALBA, com o Programa Mais Médicos. Como você analisa isso?

Ayerbe - Muitos questionam se a projeção internacional brasileira recente configura um novo imperialismo, não partilho dessa visão. Pensando, por exemplo, na teoria do Imperialismo de Lênin, ele pontuou a maturidade da projeção do capitalismo quando passa a predominar a exportação de capitais e a isso associava a política imperialista das grandes potências, numa combinação entre os interesses do capital e a divisão territorial do mundo que naquela época, transição do século XIX-XX, se dava majoritariamente pelo colonialismo. Esses dois componentes, exportação de capitais e políticas intervencionistas são fundamentais na caracterização de uma postura imperialista. No caso dos EUA, ambos estão presentes, na projeção das suas empresas e na interferência nos assuntos internos de outros países, frequentemente utilizando a força e a ocupação militar. O Brasil não apresenta este comportamento. Como em qualquer país que se torna uma potência econômica e começa a exportar capital, o Estado brasileiro tende a promover a internacionalização das suas empresas, através do BNDES e outros instrumentos, mas em nenhum momento há associação desse incentivo ao capital com a intervenção unilateral nos assuntos internos de outros países para forçar mudanças que o favoreçam. Como você bem menciona, o incentivo à internacionalização das empresas é um lado da política na África, na América Latina, mas também no Canadá, nos Estados Unidos, na Europa. Cuba não é a exceção, como comentamos no caso do Porto de Mariel, e o governo cubano é bastante pragmático nesse aspecto. Quando participei de uma reunião do Grupo de Reflexão sobre Relações Internacionais (GR-RI) foram colocados estes dois lados: por um, as empresas e, por outro, os programas da Agência Brasileira de Desenvolvimento, que é muito ativa. O Brasil é um país capitalista em que o setor privado é economicamente predominante, seu governo, ainda que sob a direção do Partido dos Trabalhadores – PT, é expressão de uma coalizão ampla e diversa, e a

política externa leva em conta os interesses, as demandas e a correlação de forças “realmente existentes” na base econômica, social e política do Estado-nação. No entanto, pelo fato do PT estar no comando do governo, existe, paralelamente à promoção de empresas, a internacionalização de programas sociais, especialmente de combate à pobreza, assim como a solidariedade com causas populares. Estas práticas não caracterizam imperialismo, como disse, o Brasil não intervém nos assuntos dos outros países, exporta sim capitais, serviços e programas diversos de ajuda ao desenvolvimento.

Blog Brasil no Mundo - Gostaria de complementar algo?

Ayerbe - Os eixos das reformas do governo cubano hoje passam pelo aumento da produtividade, o estímulo ao setor privado, a atração de capitais e a diversificação da economia, compondo o grande desafio que preocupa o Partido no poder: a continuidade do processo iniciado em 1959. Se não houver encaminhamento concreto de soluções, poderá haver desdobramentos políticos problemáticos, isto é uma realidade. Daí a combinação de reformas, da tentativa de acelerá-las, da busca de parcerias internacionais e do pragmatismo. Se Cuba não lograr efetivar um salto nesta área em algum momento sofrerá sérias dificuldades.